INFINITUM
Revista Multidisciplinar
ISSN: 2595-9549

A LENDA DE JOÃO VELHO: imaginário, fé e misticismo na Vila das Almas

THE LEGEND OF JOÃO VELHO: imaginary, faith and mysticism in Vila das Almas

LA LEYENDA DE JOÃO VELHO: imaginario, fe y misticismo en Vila das Almas

---

Daciléia Lima Ferreira

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Cultura e Sociedade (PGCult) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Graduação no Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus de São Bernardo. Tem experiência na área de Sociologia, Antropologia, com estudos em Memória, Identidade e Imaginário. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Patrimônio Cultural (GEPPaC) do PGCult (Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, da Universidade Federal do Maranhão e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cultura (GEPEMADEC), na linha de pesquisa 2: Imaginário Cultura e Meio Ambiente, da UFMA/Campus de São Bernardo. Atualmente pesquisa sobre Memória, Identidade e Patrimônio do Quilombo Saco das Almas, em Brejo/MA, sob orientação da professora Dra. Conceição de Maria Belfort de Carvalho.

E-mail: limadacileia@gmail.com

Daline da Costa Brito

Graduanda do Curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão, Campus de São Bernardo. Bolsista de Iniciação Científica/FAPEMA, sob orientação do professor Dr. Josenildo Campos Brussio, no Projeto de Pesquisa "IMPLEMENTAÇÃO COOPERATIVA E VALORIZAÇÃO DA CULINÁRIA DO QUILOMBO "SACO DAS ALMAS" EM BREJO/MA". Discente-pesquisadora do GEPEMADEC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cultura).

E-mail: daline.brito@discente.ufma.br

Conceição de Maria Belfort de Carvalho

Possui graduação em Turismo pela Universidade Federal do Maranhão (1997), Especialização em Planejamento Ambiental pela Universidade Federal do Maranhão, mestrado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001) e Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2009). Professora da Universidade Federal do Maranhão. Professora Permanente do Programa de Pós Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão (Nível Mestrado- Linha 2: Cultura, Educação e Tecnologia). Tem experiência na área de Turismo, com ênfase nas áreas: Gestão do turismo, Patrimônio cultural e Pesquisa em Turismo. Projetos aprovados com recursos financeiros: SÃO LUÍS PATRIMÔNIO CULTURAL DA HUMANIDADE: a dualidade da interação entre turistas e o espaço da cidade Edital Universal CNPQ/2014.Professora Produtividade Sênior- FAPEMA.

E-mail: cbelfort@globo.br

Josenildo Campos Brussio

Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Maranhão (2012), possui graduação em Letras Português/Inglês e respectivas Literaturas pela Universidade Estadual do Maranhão (1998), Especialização em Língua Portuguesa pela Universidade Salgado de Oliveira - São Gonçalo/RJ (2000), Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (2008) e Doutorado em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro

(2012). Professor Associado I do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da UFMA/Campus de São Bernardo. Professor colaborador do Curso de Turismo do Campus de São Bernardo nas disciplinas Legislação aplicada ao Turismo (Direito e Turismo) e Leitura e Produção Textual. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cultura (GEPEMADEC), na linha de pesquisa 1: "Imaginário, cultura e meio ambiente".

E-mail: josenildobrussio@gmail.com

RESUMO

O presente artigo aborda a lenda de João Velho sob o ponto de vista do imaginário e da religiosidade dos moradores do quilombo Saco das Almas, mais especificamente na comunidade da Vila das Almas, em Brejo/MA, bem como a sua importância no campo simbólico e representacional da fé, das crenças e do misticismo presentes na lenda. Trata-se de uma pesquisa dividida em duas etapas: na primeira, realizou-se a pesquisa bibliográfica em que se destacam referenciais teóricos como Eliade (2002), Lévi-Strauss (2005), Godelier (2001), Cascudo (2012), Bayard (2020), Ferreira (2018), entre outros; a segunda, construiu-se a partir das pesquisas de campo realizadas pelo GEPEMADEC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Meio Ambiente Desenvolvimento e Cultura), pelo GEPPaC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Patrimônio Cultural) e pelo LEI (Laboratório de Estudos do Imaginário), entre os anos de 2017 até o presente momento. Analisa-se a lenda de João Velho sob o aspecto do imaginário e do simbólico, destacando-se os valores místicos e representacionais da lenda em contraste com as práticas religiosas cotidianas dos moradores do quilombo, a saber, o culto a fé cristã: católicos e protestantes, ao mesmo tempo em que acreditam em uma entidade espiritual que realiza milagres tal qual São Longuinho. Como resultados, tem-se que, apesar de existirem três igrejas cristãs no quilombo, duas católicas e uma protestante, algumas práticas religiosas da maior parte dos moradores do quilombo vão além das religiosidades cristãs, como se vê na crença do poder milagroso de João Velho.

Palavras-chave: Lenda. João Velho. Quilombo. Fé. Misticismo.

ABSTRACT

This article discusses the legend of João Velho from the point of view of the imaginary and religiosity of the quilombo Saco das Almas residents, more specifically in the Vila das Almas community, in Brejo / MA, as well as its importance in the symbolic and representational representation of faith, beliefs and mysticism present in the legend. It is a research divided into two stages: in the first, bibliographic research was carried out, in which theoretical references stand out, such as Eliade (2002), Lévi-Strauss (2005), Godelier (2001), Cascudo (2012), Bayard (2020), Ferreira (2018), among others; the second was built from field research carried out by GEPEMADEC (Group of Studies and Research in Environment, Development and Culture), by GEPPaC (Group of Studies and Research in Cultural Heritage) and by LEI (Laboratory of Imaginary Studies)) between the years 2017 to the present. The legend of João Velho is analyzed under the aspect of the imaginary and the symbolic, highlighting the mystical and representational values of the legend in contrast to the daily religious practices of quilombo residents, namely the cult of the Christian faith: Catholics and Protestants, while believing in a spiritual entity that performs miracles just like São Longuinho. As a result, despite the fact that there are three Christian churches in the quilombo, two Catholic and one Protestant, some religious practices of most quilombo residents go beyond Christian religiosities, as seen in the belief in the miraculous power of João Velho .

Keywords: Legend. João Velho. Quilombo. Faith. Mysticism.

INFINITUM
Revista Multidisciplinar
ISSN: 2595-9549

RESUMEN

Este artículo analiza la leyenda de João Velho desde el punto de vista del imaginario y la religiosidad de los residentes del quilombo Saco das Almas, más específicamente en la comunidad de Vila das Almas, en Brejo / MA, así como su importancia en lo simbólico y Representación representativa de la fe, creencias y misticismo presente en la leyenda. Es una investigación dividida en dos etapas: en la primera, se realizó una investigación bibliográfica, en la que se destacan referencias teóricas, como Eliade (2002), Lévi-Strauss (2005), Godelier (2001), Cascudo (2012), Bayard (2020), Ferreira (2018), entre otros; el segundo, fue construido a partir de la investigación de campo realizada por GEPEMADEC (Grupo de Estudios e Investigación en Medio Ambiente, Desarrollo y Cultura), por GEPPaC (Grupo de Estudios e Investigación en Patrimonio Cultural) y por LEI (Laboratorio de Estudios de lo Imaginario) entre los años 2017 y el presente. La leyenda de João Velho se analiza bajo el aspecto de lo imaginario y lo simbólico, destacando los valores místicos y representativos de la leyenda en contraste con las prácticas religiosas diarias de los residentes de quilombo, a saber, el culto a la fe cristiana: católicos y protestantes, mientras creen en una entidad espiritual que realiza milagros como São Longuinho. Como resultado, a pesar del hecho de que hay tres iglesias cristianas en el quilombo, dos católicas y una protestante, algunas prácticas religiosas de la mayoría de los residentes de quilombo van más allá de las religiosidades cristianas, como se ve en la creencia en el poder milagroso de João Velho .

Palabras-clave: Leyenda. João Velho. Quilombo. Fe. Misticismo.

INTRODUÇÃO

A Vila das Almas é uma comunidade quilombola de muitas singularidades[1] culturais, nas quais se destacam o tambor de crioula, a culinária, o artesanato, os mitos e lendas presentes nas práticas e representações cotidianas das experiências e vivências dos quilombolas. Neste artigo, fazemos uma discussão sobre a lenda de João Velho, uma das narrativas mais significativas sob o ponto de vista simbólico e religioso no cotidiano dos moradores da Vila das Almas, no quilombo Saco das Almas, em Brejo/MA.

O objetivo deste artigo, portanto, é abordar a lenda de João Velho sob o ponto de vista do imaginário e da religiosidade dos moradores da comunidade da Vila das Almas no quilombo Saco das Almas, em Brejo/MA. Apesar da comunidade não vivenciar mais em suas práticas religiosas cotidianas, as tradições de matrizes africanas (não há nenhum relato dos moradores do quilombo sobre o assunto), tais como candomblé, umbanda, macumba, entre

[1] Singularidade, segundo o Dicionário Priberiam (2020), significa "Qualidade do que é singular, único, só; O que é peculiar a um só indivíduo e não aos outros; Particularidade; Modo extraordinário de proceder ou de pensar; Excentricidade; Coisa, ação ou palavra singular".

outras, percebe-se como a crença nas realizações de João Velho possui a sua importância no campo simbólico e representacional da fé, das crenças e do misticismo no quilombo, visto que associa-se, no imaginário dos moradores do quilombo, a imagem de João Velho à do preto Velho, entidade espiritual muito presente nos rituais religiosos de matrizes africanas, como veremos na última seção deste artigo.

Metodologicamente, destaca-se a pesquisa de campo realizada na vigência do projeto do PIBIC "IMAGINÁRIO, MITOS E LENDAS NO BAIXO PARNAÍBA MARANHENSE: desvendando as memórias e identidades culturais da região", na qual fui bolsista voluntária responsável pelo plano de trabalho "MITOS E LENDAS NO BAIXO PARNAÍBA MARANHENSE: desvendando as memórias e identidades culturais do município de Brejo/MA (Plano de trabalho 4)". Também foi realizada a pesquisa bibliográfica e exploratória de materiais (artigos e monografias) produzidos pelo GEPEMADEC[2] ao longo de quatro anos de pesquisas no quilombo Saco das Almas.

No referencial teórico, utilizamos autores como Eliade (2002), Lévi-Strauss (2005), Godelier (2001), Cascudo (2012), Bayard (2020), Ferreira (2018), entre outros. No que tange aos referenciais teóricos sobre o quilombo Saco das Almas, padecemos do mesmo problema que viemos enfrentando ao longo dos quatro anos de investigação na comunidade quilombola: a carência de fontes materiais e formais de pesquisa. Outrora, já temos alguns resultados das pesquisas do GEPEMADEC, como o livro *Memória e identidade na Vila das Almas: um estudo sobre o trabalho da Pastoral Afro-brasileira no Quilombo Saco das Almas, em Brejo/MA*, de Daciléia Lima Ferreira (2018) e diversos artigos científicos publicados sobre a Vila das Almas.

Assim, na primeira seção, apresentamos uma discussão teórica sobre a diferença entre mitos e lendas, numa ótica da antropologia, da história das religiões e do imaginário, demonstrando a importância simbólica dos mitos e lendas ao darem uma explicação para a origem das coisas, do homem ou para a ordem do mundo, ou seja, a importância do simbólico

---

[2] Grupo de Estudos e Pesquisas em Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cultura. O Ato de Criação do GEPEMADEC se deu no 24 de setembro de 2014, conforme consta na Ata do Colegiado do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas-Sociologia, da UFMA, Campus de São Bernardo, da mesma data. O Grupo foi criado sob a Coordenação do professor Dr. Josenildo Campos Brussio, coordenador da linha de pesquisa *Imaginário, Cultura e Meio Ambiente*, com a colaboração dos professores Dr. Thiago Pereira Lima e Ms. Karine Martins Sobral, sendo o primeiro coordenador da linha de pesquisa *Desenvolvimento, Meio Ambiente e Políticas Públicas*. Atualmente, o grupo conta com nove professores pesquisadores, incluindo mais seis doutores, Dra. Helena Maria de Castro, Dra. Maira Teresa Rocha, Dra. Sylvana Kelly Marques da Silva, Dra. Tatiana Colasante, Dr. Fabrício Tavares de Moraes e Dr. Mateus de Sá Barreto Barros.

na construção da vida real para o homem.

Na segunda seção, trazemos a narrativa da lenda de João Velho, história muito contada no quilombo Saco das Vilas, principalmente, na Vilas das Almas, onde fica localizado o túmulo de João Velho, ponto de convergência das explicações de fé, crenças e misticismo do quilombo.

Na última seção, fazemos uma análise do misticismo religioso existente no culto a João Velho, no qual depreendemos um certo hibridismo cultural, em que por vezes o milagreiro é associado a Preto Velho, entidade espiritual de religiões de matrizes africanas, ao mesmo tempo em que os moradores do quilombo se assumem católicos e evangélicos, sem nenhum culto a alguma manifestação religiosa de matriz africana.

Enfim, faremos um diálogo entre os temas acima citados à luz dos teóricos da antropologia e sociologia cultural (GODELIER, 2001; CANCLINI, 2013; APPADURAI, 2008), do imaginário (DURAND, 2019; ELIADE, 2002, TUAN, 2005) e dos estudos quilombolas sobre o Saco das Almas (AYRES, 2002; FERREIRA, 2018). Por fim, apresentamos as nossas considerações finais e referências bibliográficas.

A DIFERENÇA ENTRE MITO E LENDA

O homem sempre teve dificuldade em compreender alguns fatos e fenômenos que a ciência não explica. Mas os povos antigos sempre tiveram uma forma de explicar acontecimentos da realidade e eventos da natureza que não eram compreendidos por eles, foi assim que surgiram os mitos. “Mitos narram os acontecimentos que se sucederam *in principio*, ou seja, ‘no começo’, em um instante primordial e atemporal, num lapso de *tempo sagrado*” (ELIADE, 2002). Os mitos se utilizam de muita simbologia, personagens sobrenaturais, deuses e heróis. Um dos objetivos do mito é transmitir conhecimento e explicar fatos que a ciência ainda não havia explicado.

Para Eliade[3] (2002), o mito é essencialmente uma hierofania, uma manifestação ou modalidade do sagrado. Seria inadequado reduzi-lo a uma atividade puramente pré-lógica ou pré-científica, como se pode facilmente supor a partir de sua comparação viável e, por vezes,

[3] Mircea Eliade foi um famoso pesquisador mitólogo, historiador e escritor romeno, especialista em questões religiosas, considerado um dos maiores historiadores das religiões da modernidade.

reveladora com o "poder" de previsibilidade que a ciência dá ao homem.

Lévi-Strauss (2008), no entanto, delineou uma "analogia formal" entre o pensamento mítico e o pensamento científico, argumentando que aquele seria a "metafórica expressão" deste. A civilização, desse modo, teria sido edificada através dos mitos.

Por isso, Gilbert Durand (2019) ratifica: "O termo mito engloba para nós quer o mito propriamente dito, ou seja, a narrativa que legitima esta ou aquela fé religiosa ou mágica, a lenda e as suas intimações explicativas, o conto popular ou a narrativa romanesca (p. 356).

Para Maurice Godelier (2001) o mito demonstra a importância do simbólico na construção da vida real para o homem. Segundo o antropólogo francês,

> os mitos são uma explicação da origem das coisas que legitima a ordem do universo e das sociedades, substituindo os homens reais que domesticaram as plantas e os animais, inventaram os utensílios e as armas, por homens imaginários que não o fizeram, mas receberam tais benefícios das mãos dos deuses ou dos heróis fundadores (GODELIER, 2001, p. 260).

Na citação acima, vemos que os mitos ajudam na fabricação desses "seres imaginários" porque produzem as suas narrativas, relatam as suas aventuras, elaboram os ritos que os celebram e que os fazem viver de novo entre os homens por um tempo. Dessa maneira, uma das funções do mito é explicar o inexplicável, dar sentido às origens das coisas, dos fatos, dos fenômenos, da criação do mundo e do universo.

Já, as lendas podem conceituadas como narrativas que tentam explicar, através da oralidade, feitos ou acontecimentos sobrenaturais ou misteriosos. Fazem parte da tradição folclórica do povo. Por isso, muitas vezes misturam fantasia e realidade e oferecem um grande escopo para o imaginário popular. Ao se tornarem conhecidas, são registradas na linguagem escrita. Do latim *legenda* (aquilo que deve ser lido), as lendas inicialmente contavam histórias de santos, mas ao longo do tempo o conceito se transformou em histórias que falam sobre a tradição de um povo e que fazem parte de sua cultura (BAYARD, 2020).

Daí o caráter pedagógico e educativo dos mitos e lendas, que ensinam através do medo. "Para sobreviver, os animais devem ser sensíveis aos sinais de perigo; eles precisam conhecer o medo. Individual e coletivamente, os seres humanos não são exceção" (TUAN, 2005, p. 57).

> Como muitos povos primitivos, os gregos acreditavam que o seu mundo tinha mais deuses e espíritos do que seres humanos; a paisagem grega estava repleta de lugares santos e santuários. Os santuários dos heróis compunham uma grande parte dessa

> paisagem de culto religioso, e alguns podiam ser amedrontadores, [...] (TUAN, 2005, p. 186).

Na comunidade da Vila das Almas diversas práticas culturais reproduzem este poder dos mitos na criação de seres imaginários, evidentemente, sem as dimensões dos mitos antigos, como na mitologia greco-romana, mas que em seu microuniverso, conservam o poder simbólico de suas representações na construção do cotidiano dos moradores da comunidade, como vimos na construção do imaginário em torno da Lenda de João Velho.

Para Cascudo,

> O mito na história da civilização é um conjunto de lendas e narrações que referem personagens e acontecimentos anteriores aos fatos históricos conhecidos e que, por isso mesmo, se entretecem com episódios maravilhosos e fantásticos" (CASCUDO, 2012, p. 516).

Esta conceituação de cascudo sobre o mito como um conjunto de lendas dialoga perfeitamente com a conceituação de Bayard (2020) de que "o mito é uma forma de lenda, mas os personagens humanos tornam-se divinos, a ação é então sobrenatural e irracional" (p. 11). Vemos, então, na conceituação dos dois teóricos que as lendas estabelecem uma função essencial na construção das narrativas míticas, pois elas sistematizam e ordenam realidades, no ato de sua transmissão oral, que incorporam experiências e vivências entre narradores e ouvintes.

Nas lendas, os narradores costumam expressar as suas sensações, emoções, empolgações diante do ouvinte, conferindo particularidades e singularidades ao texto narrado, ou seja, variações temática que alteram, via regra, partes da trama e podem modificar um ou elemento da trama, mas sem perder o eixo central da narrativa e o desfecho.

Depreende-se de tais análises que as lendas se diferenciam dos mitos porque as primeiras são narrativas carregadas de subjetivações que trazem fatos irreais e narrativas fantasiosas, que causam um deslumbramento popular face ao fantástico ou sobrenatural, ao passo que os mitos são "uma forma de lenda, mas os personagens humanos se tornam divinos e a ação é, então, sobrenatural. No mito o tempo nada mais é do que uma ficção, enquanto na lenda o tempo é o nosso tempo cronológico" (MARQUES, 2014, p. 5).

Em relação à história de João Velho no quilombo Saco das Almas, tivemos certa dificuldade em categorizá-lo. Pareceu-nos mais adequado situá-la como lenda levando em consideração os aspectos característicos das narrativas que catalogamos ao longo destes quatro anos de pesquisa na comunidade da Vila das Almas, nos quais podemos destacar dois aspectos:

1 – todos relatam que João Velho faleceu há cerca de quarenta anos, portanto, são bastante recentes os relatos dos feitos e realizações da entidade espiritual no quilombo; 2 – além da temporalidade, existe a noção de pertencimento de João Velho à Vila das Almas, toda a proeza mágica ou fantástica realizada pelo milagreiro é narrada com muito orgulho pelos quilombolas, como oriundas daquela localidade.

Destacam-se, assim, dois aspectos – a espacialidade e a temporalidade – João Velho está sempre presente no quilombo, uma espécie de morador definitivo da comunidade, mas como entidade espiritual, e não material (em carne e osso), aspectos que se coadunam com o pensamento Marques (2014, p. 5): "A lenda, mesmo com o seu cariz mágico, é uma narrativa indissociável daquele povo, daquele momento e daquele lugar, por mais fantástica e inverossímil que seja".

Assim, sempre que há necessidade de se recorrer a ele, já se sabe que ele está ali no quilombo a qualquer tempo e lugar, mesmo que quem precise dos seus feitos esteja fora da comunidade, à quilômetros de distância. Segundo Marques (2014), "na lenda há sempre uma localização espacial e temporal concreta, mesmo que a narrativa surja transfigurada pelo maravilhoso" (p. 6), por isso, entendemos que a história de João Velho se configura como uma lenda em vez de um mito.

Mas, há elementos culturais híbridos (CANCLINI, 2013) na lenda de João Velho que explicaremos melhor na última seção deste artigo. Antes disso, faremos na próxima sessão, a narração da história de João Velho na intenção de situar melhor o leitor sobre a sua história e evidenciar porque a crença nas realizações de João Velho possui tanta importância no campo simbólico e representacional da fé dos moradores do quilombo Saco das Almas.

DE LENDA A SANTO MILAGREIRO: a história de João Velho no Saco das Almas

Desde que iniciamos as pesquisas no Quilombo Saco das Almas em 2016, já ouvíamos falar sobre a influência religiosa de João Velho, que devido aos seus feitos e realizações, virou lenda no quilombo. O que torna os feitos e realizações de João Velho tão valiosos e respeitados pela comunidade?

Tivemos um primeiro contato com a lenda de João velho no dia da culminância dos

INFINITUM
Revista Multidisciplinar
ISSN: 2595-9549

trabalhos da pastoral Afro-brasileira[4], em 14 de maio de 2016. Alguns moradores da comunidade Vila das Almas estavam reunidos na praça da igreja católica da comunidade onde aconteceria a culminância do evento, e nós estávamos lá para acompanhar a movimentação e dinâmica das atividades.

Já se aproximava do meio dia e as pessoas permaneciam no trabalho coletivo de decoração do ambiente, incansáveis, quando resolvemos procurar sombra e algum lugar para tomar água. Nos aproximamos de uma quitandinha de frente para a igreja, onde conhecemos seu Jorge Ricardo.

O comerciante nos falou de muitas histórias do Quilombo, mas a que ele fez mais questão de enfatizar foi a história de João Velho. Segundo seu Jorge Ricardo, João Velho foi sepultado no cemitério do Quilombo Saco das Almas, em seu túmulo construído de pedras. Numa dessas pedras, existe um buraco no meio, com aproximadamente 40 cm de profundidade, tão fundo que não se consegue ver o fundo a olho nu, devido à escuridão. A pedra com buraco exerce um papel muito importante nos processos ritualísticos de trocas simbólicas que acontecem no túmulo de João Velho.

Em volta do túmulo, existem uma grande quantidade de garrafas, a qual não se sabe o número exato, porque são muitas. Os moradores contam que cada garrafa que lá está, representa um pedido atendido por João Velho, de forma que não é possível quantificar as graças conferidas, visto que, uma vez ou outra, pessoas da comunidade se responsabilizam pela retirada do excesso das garrafas que começam a tomar muito espaço em volto do túmulo.

Para os moradores da localidade, João Velho é respeitado pelo seu poder de atender as promessas feitas pelos quilombolas em função de terem de volta algum objeto perdido. Seu Jorge Ricardo nos contou que quando uma pessoa perde um porco, bode, carneiro, anel, brinco, chave ou qualquer objeto é só pedir para Joao Velho dizendo: “João Velho, me ajuda a achar tal coisa que eu te dou um litro de cachaça”, e o objeto não demora aparecer, pode ser no mesmo

[4] A Pastoral afro-brasileira surgiu depois de um longo processo de conscientização e atuação de gerações de negros e negras que assumem viver sua fé na igreja, mas levando em conta a realidade da população afrodescendente no continente latino-americano e no Brasil. Os novos tempos, vividos pela igreja depois do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962- 1965), possibilitaram o surgimento da Pastoral afro-brasileira e a participação de novos agentes de pastoral. No final da década de 1970, depois de dois encontros feitos pela igreja Americana Latina se percebeu a necessidade de uma atenção pastoral maior para com os grupos culturais indígenas e afro-americanos. Durante a Conferência dos Bispos da América Latina na cidade de Puebla, no México em 1979, foram dados passos importantes que mostraram a atenção para com os mais pobres, entre eles, os negros e negras que vivem discriminados e em situações desumanas (CNBB, 2020).

INFINITUM
Revista Multidisciplinar
ISSN: 2595-9549

dia ou dias depois. Essa é a associação de João Velho com São Longuinho[5] (encontrar coisas desaparecidas) e uma das diferenças entre eles está no pagamento dos feitos atendidos: São Longuinho pagamos três pulinhos; João Velho, com uma garrafa de cachaça.

Figura 01: Túmulo de João Velho

Fonte: LEI (Laboratório de Estudos do Imaginário), 2019.

Depois do pedido atendido, a pessoa leva o pagamento da promessa concedida, que corresponde a um litro de cachaça depositado no buraco da pedra no centro do túmulo, assim, a pessoa que teve o pedido atendido dá o primeiro gole e vai colocando, aos poucos a cachaça no buraco, para não o embriagar. É nesse buraco que as pessoas jogam a cachaça como forma de pagamento ao João Velho pelos pedidos realizados. É o verdadeiro ritual de trocas simbólicas se concretizando (APPADURAI, 2008).

Seu Jorge Ricardo relatou um caso, que é contado também por vários moradores do

5 "Longuinho" foi um dos soldados romanos destacados para acompanharem o castigo, a crucificação e a morte de Jesus. Chamava-se, na verdade, Longinus, nome que significa "Uma Lança". Por isso, acredita-se que ele tenha sido o soldado que perfurou com uma lança o lado de Jesus, de onde brotou sangue e água, como São João afirma em seu Evangelho (Jo 19,34). Conta-se que Longinus era um soldado de baixa estatura que servia na alta corte de Roma antes de ser destacado para servir em Israel. Servindo na corte de Roma, ele vivia nas festas dos romanos. Por causa de sua baixa estatura, ele conseguia ver tudo o que se passava por baixo das mesas. Com isso ele achava vários pertences das pessoas e sempre devolvia os achados para seus donos. Daí surgiu sua fama de bom soldado e de sempre encontrar coisas perdidas. Esta fama do soldado Longinus, do mundo pagão, passou para o convertido São Longuinho. Por causa da fama do soldado Longinus, espalhou-se a devoção de se rezar para São Longuinho pedindo para ele ajudar a encontrar objetos perdidos. Depois de encontrados, se dá três pulinhos e se faz uma oração para agradecer ao Santo. Os pulinhos podem ser dispensados. O importante é a fé e o belíssimo testemunho de vida de São Longuinho (CRUZ TERRA SANTA, 2020).

quilombo, de um ex-morador da comunidade que, por motivos pessoais, foi embora para a capital e lá perdeu um objeto. Sem pestanejar, fez um pedido para João Velho e o pedido foi conferido. O moço veio de lá da cidade para pagar a promessa que tinha feito, contudo ele estava tão grato pela realização da graça que trouxe foi um galão de cachaça (5 litros) e despejou todo de uma vez no buraco do túmulo. Entretanto, na mesma noite, João Velho fez uma visita ao moço em seus sonhos, perguntando: "Tu já viste alguém tomar cinco litros de cachaça de uma vez só?".

A promessa tem que ser paga do jeito que foi feita e geralmente o pagamento é só um litro de cachaça e deve ser depositado devagar para João Velho não se embriagar e se chatear, senão, à noite, ele volta para atormentar o sujeito.

Nessa seção, expusemos a história de João Velho conforme nos foi repassada pelos moradores do quilombo nas diversas coletas de dados que realizamos durante as visitas do GEPEMADEC. Na próxima seção, destacaremos os processos representacionais e simbólicos da lenda de João Velho no cotidiano dos moradores da Vila das Almas.

ENTRE FÉ E MISTICISMO: práticas simbólicas e religiosas do Saco das Almas

Há mais de quatro anos o GEPEMADEC vem realizando pesquisas no quilombo Saco das Almas. Vale ressaltar que o primeiro contato se deu com a comunidade da Vila das Almas que nos acolheu desde o início das pesquisas e é considerada a comunidade que possui o núcleo familiar[6] que constitui a gênese do quilombo Saco das Almas.

Assim, durante a realização das nossas pesquisas, a religiosidade da comunidade nunca foi o foco, mas também não nos passou despercebida, visto que é uma das manifestações culturais latentes[7] nas falas dos moradores do quilombo. Das nossas investigações, vez por

[6] O quilombo Saco das Almas teria sido fundado pelo capitão Timóteo que recebeu as terras do quilombo como doação por seus trabalhos como guerreiro, nos tempos do Império. Teria Dom Pedro I solicitado ao Prefeito de Brejo a doação das terras da Data Saco das Almas, segundo seu Claro Patrício (AYRES, 2002, p. 39). O capitão Timóteo teve três herdeiros: Tomaz, Inácio e Leandro da Cunha Costa. Essa foi a família que deu origem ao quilombo Saco das Almas. Foram seis gerações para chegar até a geração de Seu Claro (herdeiro legitimo do capitão Timóteo) (FERREIRA, 2018, p. 59).

[7] Referimo-nos ao conceito de cultura latente conforme desenvolvido pelo antropólogo Paula Carvalho no seu trabalho com culturanálise de grupos. Para Paula Carvalho, "a cultura latente capta a vida e a organização em profundidade do grupo" (1997). É que o pretendemos captar nestas análises do imaginário do quilombo em torno da Lenda de João Velho.

outra, os entrevistados retomavam as histórias das festas e festejos religiosos que acontecem ao longo do ano em homenagem aos seus santos protetores.

Na comunidade, existem três igrejas cristãs: duas católicas e uma protestante (Assembleia de Deus). Os moradores do quilombo são a maioria de católicos, mas não foi confirmado pelos entrevistados nenhum outro tipo de religião, principalmente, de matrizes africanas: nem candomblé, nem umbanda, nem macumba.

Na Vila das Almas, três festas e/ou festejos religiosos merecem destaque, nos quais são homenageados santos católicos ao longo do ano: Nossa Senhora "Mãe-Maria", no mês de maio, com peregrinação da imagem da Santa nas casas das famílias da comunidade; São Pedro, no mês de junho, geralmente, celebrado por uma semana (mas que nos últimos anos perdeu força na comunidade e vem ocorrendo apenas a missa) e, por fim, Nossa Senhora de Aparecida, no mês de novembro, considerado efetivamente a festa mais conhecida da Vila das Almas.

O festejo de Nossa Senhora de Aparecida costuma ser o mais marcante da comunidade por ocorrer durante nove dias: assim, ocorre o novenário com as nove noites, cada uma com diversas atividades da comunidade (missas, leilões, bingos, festas, brincadeiras). O festejo se inicia com o levantamento do mastro, finalizando-se com a procissão, a missa de encerramento e a derrubada do mastro, no último dia.

> [...] A Vila das Almas festeja, durante nove dias do mês de novembro, Nossa senhora de Aparecida. O início do festejo é marcado pelo levantamento do mastro, que é derrubado ao final da festa. Todos os dias do festejo são animados com celebrações na capela e leilões de galináceos, porcos, caprinos e especiarias locais (AYRES, 2002, p. 109).

Mas um fato que nos chamou à atenção, na comunidade da Vila das Almas, foi que além de cultuar os santos católicos, os moradores do quilombo também fazem culto a João Velho, não com um festejo ou uma festa com data específica no calendário das manifestações religiosas do quilombo (até porque João Velho não é santo da igreja católica), mas com práticas ritualísticas ligadas às práticas culturais (de matriz africana), como presenciamos na roda do tambor de crioula, no dia 20 de setembro de 2019.

Tratava-se de um tambor de pagamento de promessa em agradecimento a Nossa Senhora de Aparecida e a João Velho, feito por dona Dudu[8], como retribuição à graça realizada

[8] Dona Dudu é uma das maiores lideranças do quilombo Saco das Almas. Geralmente, quando se precisa reunir as sete comunidades, a organização da pauta e condução das reuniões fica ao encargo dela (FERREIRA, 2018, p. 25).

de viajar à Brasília, com segurança e saúde, para participar do evento das Marcha das Margaridas[9], em 14 de agosto de 2019.

Vale ressaltar que, no Maranhão, os tambores de crioula costumam reverenciar algum santo, em sua maioria, reverenciam a São Benedito, um santo católico, negro, de origem africana. Há um sincretismo muito forte de São Benedito com o tambor de crioula, principalmente, em relação aos atos de caridade do cozinheiro do monastério que levava comida escondida para dar aos pobres (FERREIRA et al, 2020, p. 152).

> [...] o tambor de crioula carrega em si uma profunda dimensão religiosa, que mescla uma estreita relação com os grupos étnicos afro-brasileiros (fortes traços africanos) e práticas religiosas de influência das religiões ocidentais, como o Cristianismo, presentes no pagamento de promessas e louvor a São Benedito (RAMASSOTE, 2007, p. 101)

Percebemos que há elementos religiosos híbridos (CANCLINI, 2013) nas práticas ritualísticas dos moradores da Vila das Almas, uma vez que há pedidos de realizações ou feitos para João Velho, cujos pedidos atendidos são pagos com cachaça derramada em um buraco no túmulo do milagreiro. Mas João Velho não é nenhum santo da igreja católica, nem mesmo é reconhecido pelos quilombolas como uma entidade espiritual das religiões de matrizes africanas (pelo menos é o que pensávamos).

Um fato novo nos chamou atenção em uma visita que fizemos ao túmulo de João Velho no início de 2019: fomos surpreendidos com uma construção de um telhado sobre o túmulo, com uma estrutura de quatro pilares de concreto, madeira e telha de amianto. Ao perguntarmos à líder da comunidade, Dona Dudu relatou que uma filha do quilombo, atualmente residente em outra cidade e devota do milagreiro, retornou para pagar um pedido alcançado, não se sabe se o pagamento aconteceu como de costume, mas o que se viu é que o túmulo foi reformado e ao lado do buraco colocou uma pequena estátua do Preto Velho.

Aqui destacamos a associação de João Velho a uma entidade espiritual de religiões de matriz africana: o Preto Velho. Ainda que no quilombo não se reconheça nenhuma atividade espiritual ou religiosa voltada às religiões de matrizes africanas (pelo menos é em que acreditam), é muito comum se referir, na oralidade popular da comunidade, ao gentílico "Preto Velho" quando se quer referir a João Velho com maior proximidade/intimidade.

---

[9] O nome do evento é uma homenagem à trabalhadora rural e líder sindical Margarida Maria Alves, "um dos maiores símbolos da luta das mulheres por terra, trabalho, igualdade, justiça e dignidade", explica Mazé, referindo-se à liderança que foi "brutalmente assassinada", em 1983 (AGÊNCIA BRASIL, 2020).

Veja-se como o discurso contradiz as próprias crenças, uma vez que os quilombolas afirmam não cultuar nenhuma entidade espiritual de matriz africana, todavia se referem, com muita frequência, ao Preto velho quando querem falar de João Velho. E a imagem do Preto Velho no túmulo do milagreiro corrobora a crença.

Segundo Sousa, vale ressaltar que:

> Os pretos-velhos estão associados à figura dos escravos e do cativeiro brasileiro, sendo-lhes, entretanto, atribuídos outros significados no campo religioso, instituído aqui como um circuito de práticas coletivas e individuais, por meio das quais se solidificam novas e antigas crenças (SOUSA, 2006, p. 51).

Estas associações e modificações simbólicas imbricadas nas figuras de João Velho e Preto Velho nos lembram bem a questão do hibridismo cultural teorizado por Nestor Canclini (2013) cuja teoria apresenta: a hibridação, a quebra e a mescla das coleções organizadas pelos sistemas culturais, a desterritorialização dos processos simbólicos e a expansão dos gêneros impuros (p. 284).

Para Caclini (2013) os fatores acima citados são consideravelmente importantes para compreensão de como se deu o processo de hibridação cultural na América Latina. Quando pensamos em abordagens temáticas como as tradições quilombolas, especialmente, voltadas para manifestações religiosas, torna-se indispensável refletir sobre as quebras das tradições culturais, mediante a expansão da desterritorialização dos processos simbólicos, da modernidade e da globalização.

Vale ressaltar que o quilombo Saco das Almas é uma terra em que muito sangue já foi derramado no passado. Há dor e sofrimento que os negros não gostam de recordar. Houve muitos negros escravos na comunidade que foram assassinados em lutas pela posse da terra como na Revolução dos Valentes, ocorrida no Saco das Almas por volta de 1960 (AYRES, 2002, p. 59).

Esta relação entre João Velho e Preto Velho pode ser compreendida pelo "método de convergência", utilizado por Gilbert Durand (2019) na sua teoria antropológica do imaginário, no qual ele aponta que "o método de convergência tende a mostrar vastas constelações de imagens, constelações praticamente constantes e que parecem estruturadas por um certo isomorfismo dos símbolos convergentes" (DURAND, 2019, p. 43)

Pouco se sabe sobre a vida de João Velho, os moradores do quilombo não nos relataram nenhuma história sobre como foi a vida dele, somente temos ciência dos seus feitos após a morte. Mas não se pode negar, como já dissemos que os moradores do Saco das Almas

carregam um passado de dor e sofrimento, que preferem muitas vezes ocultar (AYRES, 2002, p. 58).

Há um simbolismo da "dor" e do "sofrimento", que converge para o arquétipo[10] do "mártir/herói", aquele que sofre em nome de muitos (de um povo, de uma comunidade, de uma nação). Assim, tempos na história diversos exemplos de mártires: Jesus Cristo, Tiradentes, Zumbi, entre outros. Preto Velho aparece-nos como mais um herói/mártir, representante dos sofrimentos dos escravos cativos na época da escravidão do negro no Brasil.

> De modo geral, os pretos-velhos foram compreendidos como escravos martirizados pelo escravismo e, tal qual Jesus Cristo, que é símbolo de dor e salvação para os cristãos, foi igualmente glorificado através do sofrimento. De outro modo, representa ancestrais africanos que dominavam o conhecimento da magia. Dentre estes e outros modelos de compreensão, os pretos velhos estão presentes em diferentes práticas religiosas, narradas a seguir. Em alguns casos, atuam através do transe, falando a partir dos corpos dos médiuns. Noutros lugares, comunicam-se por um fenômeno denominado "irradiação", pois se acredita serem um espírito de luz que pode auxiliar na cura através do contato (SOUSA, 2006, p. 51-52).

Preto Velho é considerado um mártir entre os negros escravizados no Brasil escravocrata, a sua imagem reforça o arquétipo do mártir/herói e carrega o simbolismo de toda a dor e sofrimento dos negros escravizados, como assegura Durand: "os símbolos constelam porque são desenvolvidos de um mesmo tema arquetipal, porque são variações de um arquétipo" (DURAND, 2019, p. 43).

> Neste espaço de religiosidade criativa, são instituídos e reforçados os significados das entidades. Aqui, os pretos-velhos consolidam sua imagem de "escravo" e apontam entendimentos sobre a vida cotidiana de seus devotos. Através dessa diversidade, o símbolo representa inúmeras significações. Os pretos-velhos aglutinam entendimentos sobre o passado e o presente. Nos ritos religiosos, este passado é representado através das narrativas sobre suas vidas e da performance ritual, como por exemplo, nas sessões de consulta (SOUSA, 2006, p. 51).

João Velho carrega estes simbolismos de um passado sofrido que se converte em poderes de realizar feitos, atender pedidos, conceder graças, assim como, Preto Velho é símbolo da dor e sofrimento dos escravos cativos na época da escravidão brasileira. O poder milagroso de João Velho se coaduna as concepções simbólicas presentes nas diversas representações imaginárias do Preto Velho, enquanto entidade espiritual capaz de atuar como espíritos de luz, benfazejos de graças aos devotos.

---

[10] Para Jung (2008), arquétipo são "resíduos arcaicos" ou "imagens primordiais", "representações" que podem ter inúmeras variações de detalhes – sem perder a configuração original – e estão presentes em diversas culturas, além de que podem se repetir em qualquer época e em qualquer lugar do mundo (JUNG, 2008, p. 83).

Assim, pode-se compreender a fé e a crença dos moradores do quilombo Saco das Almas, principalmente, da comunidade da Vila das Almas em João Velho. A quantidade de garrafas em volta do túmulo ratifica não só a quantidade de feitos realizados, mas também a forte fé e crença dos moradores nas práticas ritualísticas realizadas, como se vê na dádiva (GODELIER, 2001) e na troca (APPADURAI, 2008) da cachaça.

No período da Semana Santa, é muito comum a troca de alimentos entre os moradores do quilombo, prática conhecida pela comunidade como "vizinhar esmolas" (FERREIRA, 2018, p. 66), na qual podemos perceber a ressignificação da prática de negociação sem vínculo econômico, ou seja, "a mercantilização se torna um processo autônomo, cognitivo e cultural de singularização" (APPADURAI, 2008, p. 113), no qual as pessoas trocam alimentos pela simples vontade de compartilhar com o outro aquilo que é seu.

Com João Velho, a troca se processa de uma maneira diferente, visto que há um pagamento e não uma troca simples e espontânea, tal qual na prática do "vizinhar esmolas", na Semana Santa. Todavia, como afirma Appadurai (2008), não se troca o bem recebido por dinheiro ou vinculação econômica, mas por um "processo autônomo, cognitivo e cultural de singularização", o que vemos acontecer quando o único pedido de pagamento de João Velho é a cachaça.

Nesta prática cultural de pedir a coisa perdida a João Velho, temos uma representação do "ser imaginário" enaltecido pelo "poder" ou capacidade de restituir aos moradores do quilombo aquilo que havia sido perdido. A prática cultural se consagra com uma troca: João Velho dá a quem pede o que procura e recebe em troca uma garrafa de cachaça.

Godelier (2001) nos permite compreender a importância do sagrado para uma reflexão sobre a construção do conhecimento a partir dos processos de troca realizados entre os indivíduos e que sempre os conduzem às origens, ao início de tudo. Assim, as festas e os festejos no quilombo têm uma intenção de recomeço, em que as divindades cultuadas nos rituais renascem e se apresentam aos homens a cada ano, a cada ciclo de festa.

Para Godelier (2001), não poderia haver uma sociedade sem dois domínios:

> os das trocas, não importa o que se troque e qual seja a forma desta troca, do dom ao potlatch, do sacrifício à venda à compra, ao mercado; e aquele em que os indivíduos e os grupos conservam preciosamente para eles mesmos, e depois transmitem a seus descentes ou àqueles que compartilham a mesma fé, coisas, relatos, nomes, formas de pensamentos. Pois o que se guarda sempre são "realidades" que arrastam os

INFINITUM
Revista Multidisciplinar
ISSN: 2595-9549

> indivíduos e os grupos para um outro tempo, que os remetem às suas origens, à origem. (GODELIER, 2001, p. 303).

Percebe-se no discurso de Godelier (2001) a importância das trocas para a compreensão das práticas culturais, seus simbolismos, valores, representações, que são repassados "a seus descentes ou àqueles que compartilham a mesma fé, coisas, relatos, nomes, formas de pensamentos" (p. 303).

Assim, vemos que o culto a João Velho no Saco das Almas constitui uma prática de fé e crença fora dos padrões católicos reconhecidos e realizados ao longo do ano pelos moradores da Vila das Almas. É uma prática cultural enraizada no misticismo, na crença e fé de que uma entidade espiritual, João Velho, realiza e concretiza pedidos de objetos, animais ou coisas desaparecidas.

Poder-se-ia afirmar que há um forte sincretismo religioso[11] na personificação de João Velho na Vila das Almas em razão de dois fatores evidentes: 1 - a associação de João Velho ao Preto Velho, muito cultuado nas religiões de matrizes africanas e 2 – a inclusão de João Velho e Nossa Senhora da Aparecida entre os santos homenageados no tambor de crioula, cuja tradição, no Maranhão, é homenagear o santo católico São Benedito.

Observamos nestes últimos dois anos de pesquisa na Vila das Almas, um fortalecimento deste misticismo em torno da lenda de João Velho, tanto pela revitalização do túmulo (início de 2019), quanto pelas práticas religiosas dos moradores do quilombo ao incluir a figura do milagreiro em seus espaços até então reservados apenas aos santos católicos, como ocorrido na roda de tambor de crioula do dia 20 de setembro de 2019, como já dissemos.

PONDERAÇÕES MÍSTICAS

Neste artigo, tivemos a pretensão de trazer à luz uma temática sobre o quilombo Saco das Almas que já nos chamava a atenção há algum tempo durante as nossas pesquisas de campo, mas ainda não tínhamos nos debruçado em estudá-la mais a fundo: a fé e a crença místicas na lenda de João Velho pelos moradores do quilombo da Vila das Almas.

[11] O Sincretismo religioso seria a mistura de duas ou mais religiões. O sincretismo afro continua dessa vez com a religião católica, numa tentativa dos negros de mascarar suas crenças, que não eram bem-vindas em um país católico.

Este texto foi uma grande oportunidade de refletir sobre algumas práticas culturais da Vila das Almas, dialogando sob o ponto de vista simbólico e representacional com os cultos evidenciados no calendário anual de festas do quilombo e, em especial, o culto a João Velho, entidade espiritual da comunidade capaz de fazer aparecer coisas, animais e objetos desaparecidos.

Assim, apresentamos uma discussão teórica sobre a diferença entre mitos e lendas, numa ótica da antropologia, da história das religiões e do imaginário, demonstrando a importância simbólica dos mitos e lendas ao darem uma explicação para a origem de alguma coisa ou para a ordem do mundo, ou seja, a importância do simbólico na construção da vida real para o homem.

Depois, trouxemos a narrativa da lenda de João Velho, respeitando as histórias que captamos durante as visitas técnicas para a realização da pesquisa de campo. Por fim, fizemos uma análise do papel simbólico e representacional de João Velho, na intenção de demonstrar um certo hibridismo cultural religioso, presente nas práticas culturais e religiosas dos moradores do quilombo. Na comunidade da Vila das Almas diversas práticas culturais reproduzem este poder dos mitos na criação de seres imaginários, como vemos na personificação de João Velho.

Vimos que João Velho é uma entidade espiritual fortemente associada ao Preto Velho (entidade espiritual de matriz africana), tanto que foi colocada uma imagem de Preto Velho sobre a pedra onde se deposita a cachaça paga pelos devotos. Vê-se uma preocupação da comunidade em representar, por uma imagem real, o ser místico, imaginário e simbólico que é João Velho.

Por fim, mesmo sendo uma comunidade que assume o culto de apenas duas religiões: a católica e a evangélica (Assembleia de Deus), há no quilombo Saco das Almas um culto a uma entidade espiritual com forte sincretismo religioso, que carrega um misticismo e simbolismo associado às imagens de entidades espirituais de matriz africana, como Preto Velho.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, A. “Introdução: Mercadorias e a Política de Valor”. In: APPADURAI, A. (Org.). **A Vida Social das Coisas. As Mercadorias sob uma perspectiva cultural.** Niterói: EdUFF, 2008.

AYRES, Genny Magna de Jesus Mota. **Pretos, pardos e agregados em Saco das Almas**. Salvador/BA: UFBA, 2002. (Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais).

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2013.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** 12ª ed. São Paulo: Editora Global, 2012.

CNBB. **Pastoral Afro-Brasileira.** disponível em URL: https://cnbbs2.org.br/pastoral-afro-brasileira/ Acessado em 14/05/2020.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERREIRA, Dacileia Lima. **Memória e identidade na Vila das Almas: um estudo sobre o trabalho da Pastoral Afro-brasileira no Quilombo Saco das Almas, em Brejo/MA**. São Luís/MA: EDUFMA, 2018.

FERREIRA, Dacileia Lima, CARVALHO, Conceição de Maria Belfort; BRUSSIO, Josenildo Campos. **Da África ao Brasil:** o sagrado e o profano no imaginário do tambor de crioula no Maranhão. In: Revista Labirinto, ISSN 1519-6674, ano XIX, volume 31, (jul-dez), 2019, p. 144-159.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODELIER, Maurice. **O enigma do dom.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2001.

IPHAN. **Dossiê do Tambor de crioula**. Brasília: Instituto Patrimônio Histórico Nacional, [s.d.]. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/dossie15tambor.pdf. Acesso em 22/02//2019.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

LÉVI-STRAUUS, Claude. **O pensamento selvagem.** 8ª ed. Campinas/SP: Editora Papirus, 2008.

MARQUES, Alexandre da Silva. **Lugares de memória** – a Ponte da Pisarela. Portugal:

Universidade do Minho, 2014.

PAULA CARVALHO, José Carlos de. **Imagens da vida e da morte:** "o imaginário da derrelição" ou a cultura latente em grupos de alunos do colegial no Liceu Pasteur/SP In; Educação de Pesquisa. Revista da Faculdade de Educação da USP, São Paulo, v.23, n.1/2, p. 149-184, jan./dez. 1997.

RAMASSOTE, Rodrigo Martins. **Notas sobre o registro do Tambor de crioula: da pesquisa à salvaguarda.** IN: Revista Pós Ciências Sociais, v.4, n. 7, jan./jun., São Luís/MA, UFMA, 2007.

RIBEIRO, Josenilda Oliveira. **Sincretismo religioso no Brasil: uma análise histórica das transformações no catolicismo, evangelismo, candomblé e espiritismo**. Recife/PE: UFPE, 2012.

SOUZA, Mônica Dias de. **Pretos-velhos:** Oráculos, crença e magia entre os cariocas. Rio de janeiro/RJ: UFRJ**,** Pós-graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (Tese de Doutorado), 2006.

Da internet:

"Singularidade", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, https://dicionario.priberam.org/singularidade [consultado em 29-05-2020].

"Marcha das Margaridas", Agência Brasil, 2020, https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-08/brasilia-recebe-6a-marcha-das-margaridas [consultado em 29-05-2020].

"História de São Longuinho", in Cruz Terra Santa, 2020, https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-longuinho/151/102/[consultado em 29-05-2020].